

JESUS E O DIVÓRCIO

Rev. Paulo Ribeiro Fontes - Th.M.

Certa vez uma avó disse-me que seu netinho, um menino de oito anos de idade, afirmou: “Vovó, quando eu crescer, casar-me e separar-me de minha esposa, os meu filhos ficarão comigo. Eu não os deixarei com minha esposa.” Este fato mostra-nos até que ponto a nossa sociedade tem assimilado a prática pecaminosa do divórcio. E não é difícil perceber que tal prática tem sido assimilada pela própria igreja, o povo de Deus. Basta observar o número de membros de nossas igrejas e até de pastores que se divorciam e contraem novas núpcias.

Por isso, mais do nunca, é tempo de nos voltarmos para o “Velho Livro”, a Bíblia, para redescobrirmos a vontade de Deus sobre o referido assunto. Sabemos que a questão em pauta é controvérsia e que o espaço que temos não nos permite tratá-la de maneira exaustiva. Assim, nos limitaremos a analisarmos o ensino de Jesus sobre a questão, analisando aqui o texto de Mateus 19.3-12.

I - A INDISSOLUBILIDADE DO CASAMENTO: Mateus deixa claro que era impura a intenção dos fariseus que foram saber a opinião de Jesus sobre a questão do divórcio. De fato eles não foram movidos pelo sincero desejo de aprender, mas estavam “experimentando” o Mestre. A grande maioria dos estudiosos acha que os fariseus queriam deixar Jesus em situação difícil e constrangedora, pois o assunto dividia a opinião pública da época. Havia aqueles líderes religiosos que interpretavam Deuteronômio 24.1 de maneira extremamente liberal e davam aos homens o direito de se divorciarem de suas esposas por qualquer motivo. Enquanto que outros achavam que “cousa indecente”, em Deuteronômio 24.1, aplicava-se somente ao adultério. A intenção era jogar Jesus contra um dos dois grupos. Não nos esqueçamos de que João Batista foi decapitado por causa da questão do divórcio (Mateus 14.3,4).

Jesus Cristo, sem se posicionar ao lado de qualquer dos grupos e com a sabedoria que lhe era peculiar, evoca o texto de Gênesis e reafirma a indissolubilidade do casamento: “Não tendes lido que o Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher e que disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne? De modo que já não são mais dois, porém uma só carne.” (Mateus 19.4-6a). Desta forma, a expressão “uma só carne”, segundo Jesus, aponta para o aspecto indissolúvel do casamento. Então Ele conclui: “Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem” (Mateus 19.6b). Ou seja, não considere o homem dissolúvel o que para Deus é indissolúvel; não queira o homem mudar a ordem estabelecida pelo Criador. Até porque qualquer mudança promovida pelo homem, naquilo que Deus criou perfeito, será sempre para pior.

Assim, usando Gênesis 1.27, o Senhor responde aos seus interlocutores afirmando categoricamente a indissolubilidade do casamento. E se não fosse a má intenção dos fariseus, a conversa poderia ter terminado aqui, e eles voltariam para casa e se esforçariam para obedecer a vontade de Deus nesta questão. Mas como não eram puras nem honestas as intenções dos interlocutores de Jesus, eles armam uma segunda cilada.

II - MOISÉS E O DIVÓRCIO: Da mesma forma como o Diabo usou as Escrituras para tentar o Senhor Jesus, os fariseus fizeram para O experimentar, a segunda vez naquela ocasião, retrucando: “Por que mandou, então, Moisés (certamente em Deuteronômio 24.1-4) dar carta de divórcio e repudiar?” (Mateus 19.7). E Jesus então lhes respondeu: “Por causa da dureza do vosso coração é que Moisés vos permitiu repudiar vossa mulher; entretanto, não foi assim desde o princípio.” (Mateus 19.8). Há pelo menos duas revelações importantes nesta resposta de Jesus: a primeira é que o divórcio não era um mandamento da lei de Moisés, mas uma permissão. Os fariseus disseram que Moisés “mandou” repudiar, mas Jesus os corrigiu dizendo que ele “permitiu”. A segunda revelação é a de que tal permissão se devia à dureza do coração humano. Ou seja, a pecaminosidade humana está sempre na raiz do divórcio. Nenhum divórcio é movido pela piedade e pela santidade dos que o praticam. O divórcio é uma expressão de nossa pecaminosidade latente. Assim mais uma vez o Senhor Jesus reafirma a indissolubilidade do casamento.

E por ser o casamento indissolúvel, um segundo casamento de pessoa divorciada, segundo Jesus, será uma relação adultera, posto que tal pessoa continuará ligada ao antigo cônjuge pelos laços indissolúveis do casamento (Mateus 19.9). Quanto a cláusula de exceção: “não sendo em caso de relações sexuais ilícitas”, deve ser entendida no contexto da permissão e não como mandamento. Em caso de infidelidade conjugal, o caminho do arrependimento, do perdão, da restauração e da reconciliação pode ser mais duro e mais difícil, mas será sempre mais bíblico e mais cristão e, portanto, melhor. Desta forma, Jesus continua sendo coerente e mantendo o princípio da indissolubilidade do casamento intocável.

III - A REAÇÃO DOS DISCÍPULOS O verso 10 do nosso texto básico revela que os discípulos do Senhor entenderam claramente o recado de Jesus sobre a indissolubilidade do casamento. Tanto é assim que eles concluíram: “Se essa é a condição do homem relativamente à sua mulher, não convém casar”. E o Senhor reafirma a indissolubilidade do casamento concordando com os discípulos em que “nem todos são aptos” para tanto (Mateus 19.11). No verso 12 Jesus dá alguns exemplos de pessoas que, por razões diferentes, são inaptas para o casamento e conclui: “Quem é apto para o admitir admita.”. Em outras palavras, os discípulos entenderam que o casamento, sendo indissolúvel, é um conceito extremamente pesado. E Jesus, por sua vez, não tira um grama desse peso, deixando irretocável o entendimento dos discípulos. É como se o Senhor dissesse: “É isso mesmo! Casamento é coisa muito séria, não é para qualquer um e não deve ser admitido irrefletidamente.” Desta forma o Senhor Jesus, ao longo de toda conversa, afirma e reafirma a indissolubilidade do casamento, fazendo coro com o profeta que já havia afirmado: “Deus odeia o repúdio” (Malaquias 2.16).

IV - QUANTO AO CRENTE DIVORCIADO: Não poderíamos encerrar o presente estudo sem considerar, à luz do ensino bíblico, a situação daqueles servos e servas do Senhor que tiveram a infelicidade de se divorciarem, sendo que muitos destes já contraíram novas núpcias. Estes irmãos e irmãs pecaram contra Deus? Sim. E, como qualquer pecado, isto exige arrependimento e confissão sincera e abandono do pecado. A recomendação apostólica para crentes que se separaram é de que “não se case ou que se reconcilie” com o cônjuge (1 Coríntios 7.11). E se for o caso de crentes que já contraíram segunda núpcias? Terão que romper o segundo casamento? A resposta é “não”, pelas seguintes razões: primeiro o divórcio e o segundo casamento não são pecados

imperdoáveis. Além disso, a Bíblia diz que devemos nos orientar pelo bom senso (Provérbios 2.11,12). E romper um segundo casamento pode muitas vezes ferir ao bom senso. E, finalmente, se houver arrependimento e confissão sincera e abandono da prática pecaminosa, Deus certamente abençoará este segundo casamento. Quem não se lembra do casamento abominável de Davi e Bateseba? Um casamento que nunca deveria ter acontecido e que atraiu a ira de Deus. No entanto, lemos na Bíblia que, depois do arrependimento e da confissão sincera, “Davi veio a Bateseba, consolou-a e se deitou com ela; teve ela um filho a quem Davi deu o nome de Salomão; e o Senhor o amou”(2 Samuel 12.24). Assim, como sugere o exemplo de Davi, cremos que um segundo casamento de pessoas divorciadas, que Jesus chamou de adultério e que nunca deveria ter acontecido, poderá ser honrado e abençoado por Deus se tais pessoas se arrependerem e abandonarem a prática pecaminosa, honrando o segundo casamento como não honraram o primeiro.

CONCLUSÃO: A sociedade moderna tem, lamentavelmente, assimilado a prática pecaminosa do divórcio como uma instituição tão boa e desejável como o casamento. Lamentavelmente, porque tal prática é de consequências sociais nefastas. Ninguém perverte a ordem de Deus impunemente. Quando lemos a história das civilizações antigas e suas quedas posteriores, descobrimos que há algo marcante e notável: o declínio destas civilizações começa com o declínio dos padrões morais, desvalorização do casamento e a desintegração da família. E mais lamentável ainda é o fato de que a própria Igreja, que precisa ser luz do mundo e o sal da terra, tem se tornado como o mundo nesta questão. Que Deus tenha misericórdia de nós!